**FESPSP**
**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**
**Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação - FaBCI**

# A DIGNIDADE E OS PEQUENOS VALORES: DAS NECESSIDADES AOS BENS QUE A SUPREM

Trabalho temático sobre o romance Os Ratos de Dyonélio Machado

Ana Cristina MARTINS
Kelly CANTILIANO

Disciplina Produção Textual
Profº Ivan RUSSEFF

**São Paulo**
**2010**

**Resumo**

> "(...) No reino dos fins, tudo tem um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode pôr-se, em vez dela, qualquer outra coisa como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço e, portanto não permite equivalente, então ela tem dignidade" (Kant, 1991, p. 77)

Pretendemos aqui dissertar sobre nossas necessidades e anseios passando pela perda de valores associados ao sistema capitalista tanto na perspectiva de devedores como de credores, partindo do relato psicológico do protagonista do romance Os Ratos (1935), do escritor gaúcho Dyonélio Machado, pois, uma das perguntas que nos tomou ao término da leitura do romance foi: Como o ser humano pode ser facilmente persuadido, por exemplo, ao vício, quando chega ao extremo de suas necessidades físicas ou morais? É possível relacionar ao que aconteceu a Naziazeno Barbosa, o protagonista em questão, quando tentado ao jogo numa alternativa imediatista e rentável para remediar a grande ferida de seu problema, ou seja, a dívida com o leiteiro? Afinal, essa atinge sua dignidade, termo do qual trataremos aqui como o reconhecimento de um valor, que está firmado como entendimento filosófico da dignidade da pessoa humana em nossa Constituição Federal de 1988, estabelecendo "normas materiais" para o cidadão brasileiro, e qualquer outro cidadão aqui estabelecido, com a posse de direitos garantidos da dignidade humana.

**Sumário**

1. Introdução ..... 4

1.1 O Autor ..... 4

1.2 A Obra ..... 4

1.3 Sobre as necessidades básicas ..... 5

2. Créditos e descréditos ..... 5

2.2 Cinquenta e três mil réis: Qual o valor da dignidade? ..... 8

3. Conclusão ..... 10

4. Referências Bibliográficas ..... 12

# 1. Introdução

## 1.1 O Autor

Dyonélio Machado nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul em, 21 de agosto de 1895, formou-se em medicina, especializando-se em psiquiatria no Rio de Janeiro. Trabalhou como tradutor e jornalista. Em 1947, tornou-se deputado estadual pelo PCB e se tornou líder da sua bancada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

As investigações teóricas, realizadas em sua obra partem de sua experiência política. Como médico psiquiatra, trouxe a máxima capacidade de observar o ser humano, investigando-os em suas essências.

Podemos observar que Dyonélio Machado, foi um escritor que, por meio de suas obras, esteve voltado para os problemas de seu tempo, mostrando-nos situações aparentemente insignificantes vividas por seus personagens. Escreveu Os Ratos no espaço de vinte noites, "num dezembro de um verão maravilhoso" assim relatou o próprio autor numa entrevista concedida a Fernando Paixão e Nelson dos Reis, em 1981, republicada, na 13ª edição (1992) pela editora Ática. Dyonélio recebeu o "Prêmio Machado de Assis", em 1935, ano de lançamento da primeira edição, quando estava em cárcere no Rio de Janeiro por conta de suas concepções políticas. Faleceu em 1985, em Porto Alegre.

## 1.2 A Obra

A obra, Os Ratos, foi escrita em meados dos anos de 1930, quando o Brasil vivia uma das décadas mais sangrentas da história mundial, e mais precisamente em São Paulo acontecia a Revolução Constitucionalista, com o fim de derrubar o "governo provisório" de Getúlio Vargas e promulgar uma nova Constituição.

Consideramos que, “Os Ratos” trata-se de uma narrativa psicológica de um homem simples que passa o período de um dia tentando conseguir dinheiro para quitar uma dívida com o leiteiro; o narrador nos conduz pelos passos da personagem e nos convida a testemunhar sua angustiante “odisseia”. Este romance valeu a Dyonélio Machado o Prêmio Machado de Assis em 1935 e é o seu livro mais famoso.

### 1.3 Sobre as necessidades básicas

O homem, desde a sua infância, passando pela vida adulta e por fim a velhice terá inúmeras necessidades básicas para sua sobrevivência, como água, comida, moradia, trabalho e dentre essas, muitas se tornaram indispensáveis, gerando prioridades também básicas, como o afeto, que poderá garantir-lhe, entre tantas outras coisas, a auto-estima. Percebemos que Naziazeno Barbosa tem sua dignidade ferida, consequentemente sua auto-estima é afetada, isso fica evidente quando ele resolve alterar sua rotina para não passar por mais constrangimentos, pelo fato de sua dívida com o leiteiro já ser de conhecimento de todos.

Sobre Naziazeno, podemos dizer que o seu direito ao trabalho lhe é assegurado pelo seu emprego em uma repartição pública; ele tem onde morar (apesar de não ficar claro se paga ou não aluguel), talvez, possua o afeto da família, mas percebemos que o que Naziazeno possui não o é suficiente, algum fator ligado às suas necessidades básicas, poderá nos explicar a desorganização de sua vida financeira, que pode ou não estar ligada à necessidade de “auto-realização”, pela qual, muitos lutam para tentar definir e alcançar.

## 2. Créditos e descréditos

Submerso no constrangimento de não possuir recursos próprios, para quitar sua conta com o leiteiro, Naziazeno Barbosa sente-se angustiado e a busca pelo dinheiro será incansável e implacáveis serão os golpes negativos em sua personalidade,

deixando-o cabisbaixo por conta das situações de humilhação a que a dívida o levou, ferindo sua dignidade. A saga do protagonista do romance Os Ratos, não difere da realidade de tantos outros trabalhadores da atualidade; quando incapazes de planejarem sua vida econômica, por conta de sua baixa renda e necessidades supostamente indispensáveis impostas pela sociedade de consumo, a "solução" é quase sempre provisória, assim como "descobrir um santo, para cobrir o outro". Essas "soluções" causam-lhes uma tranquilidade efêmera, aliviando suas consciências ao menos por um dia, mesmo sabendo que com o nascer de um novo dia, virá uma nova necessidade carregada com o peso dessa mesma angústia.

> Aliás, esse frio amargo e triste que lhe vem das vísceras, que lhe sobe de dentro de si, produz-lhe sempre uma sensação de sono, uma necessidade de anulação, de aniquilamento... Quereria dormir... (MACHADO, 1992. p. 88)

O desespero e a falta de alternativa levam à "facilidade" de se conseguir algo "não suado", como foi o caso de Naziazeno ao pedir, novamente, dinheiro ao diretor da repartição, já que havia obtido êxito em outra situação, essa também, diretamente ligada ao seu filho, assim essa é, uma questão de bem estar de sua família e não necessariamente de consumo supérfluo, como chega a indagar o próprio Naziazeno num momento de desespero, tentando minimizar a necessidade do filho de consumir leite: "- O nosso filho não haveria de morrer por tão pouco. Eu não morri, e muita vez só tinha pra tomar água com açúcar. (MACHADO, 1992. p.11)".

A situação vivida por Naziazeno nos é aparentemente insignificante, porém, representa uma sociedade medíocre envolta de seus pequenos problemas.

Naziazeno, inserido no contexto de uma grande cidade como Porto Alegre de 1935, nos permite a comparação com os dias de hoje, quando pequenos problemas estão diretamente ligados a pequenos valores, e esses pequenos valores não só estão relacionados ao dinheiro, como no caso de Naziazeno que precisa quitar sua divida e só assim aliviar a dor de cabeça do dia, mesmo sabendo que no dia seguinte, outros pequenos problemas virão e com eles mais dores de cabeça.

Naziazeno sente-se perdido em seus verdadeiros valores, acusa-se de desonesto, considera a solução de se conseguir um empréstimo, como uma forma ilícita de resolver seu problema.

Esses “pequenos problemas” são uma das consequências causadas pelas relações capitalistas que nos devoram a cada dia e “engolem” cidadãos por suas “incapacidades”, esses mesmos cidadãos que integram uma sociedade que claramente explicita que “você vale o que você tem” e que auxiliam na construção de seus papéis diante da sociedade.

Naziazeno é um pequeno servidor público, pai de família, que passa a andar cabisbaixo pelas ruas e muda sua rotina de horários por não conseguir encarar seus vizinhos na tentativa de evitar mais constrangimentos; sente-se cada vez mais à margem de tal sociedade, já que “não tem dignidade” para andar de cabeça erguida, por considerar-se um fracassado perante seus desafios.

Na perspectiva de devedor, percebemos o quão forte é o sentimento de impotência e de como uma divida pode levar à outra.

Segundo Weber (2003), o homem que tem crédito tem dinheiro; pensando que crédito diretamente significa dinheiro, se um homem pagar suas contas em dia, sempre terá dinheiro, se não pagar, os juros nas mãos de seus credores serão mais dinheiro para esses credores, já que dinheiro gera dinheiro; e cita o seguinte ditado: *O bom pagador é dono da bolsa alheia*, ou seja, tal atitude fará com que o seu crédito cresça e poderá obter a quantia de que necessitar, no momento que quiser, pois assim, será considerado um homem honesto e digno de créditos.

Naziazeno sente-se acusado e julgado o tempo inteiro, não conseguindo cumprimentar seus vizinhos, ouvindo em sua mente atormentada, vozes de acusação:

> “Tu não pagastes o doutor, Naziazeno (...) Não paga ninguém!” (MACHADO, 1992. p.18)

Quando temos uma profissão e um emprego que nos permita exercê-la, conseguintemente conquistamos nosso direito de exercer também nossa cidadania. Entretanto, quando o cargo ocupado não corresponde às nossas expectativas em relação à profissão, somos levados a nos sentir desvalorizados e sem motivação.

Consideremos esse como o caso de Naziazeno que trabalha em uma pequena repartição pública, exercendo um cargo medíocre, trabalhando sem motivação, sem possibilidade de crescimento profissional ou aumento salarial, impossibilitando até mesmo um planejamento financeiro, com isso, mal consegue suprir suas necessidades básicas. Essa falta de planejamento ou organização de seus ganhos e gastos o leva a adquirir pequenas dívidas, deixando-o com o "nome sujo na praça". Esse fato atormenta seus pensamentos, pois é grande o sentimento de inferioridade, por medo talvez, das situações de humilhação que se sucederão quando a "fama" de mal pagador propagar-se pela cidade.

Naziazeno é um simples funcionário público e não tem em sua face "um brilho nos olhos", um motivo de orgulho pelo que faz para seu sustento e o de sua família. É amargo o gosto da dívida, seu nome está "sujo na praça" e como limpá-lo sem deixar "manchas"? A única certeza é a impossibilidade de uma melhor qualidade de vida.

## 2.2 Cinquenta e três mil réis: Qual o valor da dignidade?

É claro que Naziazeno sente-se sozinho, já que sua mulher apresenta-se inerte e sua companhia em nada acrescenta, não sendo para ele uma cabeça que deveria não só auxiliá-lo a pensar na solução, mas também, ajudá-lo, efetivamente, na busca de uma solução. A presença de Adelaide é um peso a mais, uma contraposição do que deveria fortalecer seus argumentos: "A mulher acolhida e apavorada é uma confissão pública de miséria humilhada, sem dignidade – da sua miséria. (MACHADO, 1992. p. 18)".

Enfrentar tais problemas, aparentemente pequenos ou sem importância, torna-se insuportável quando a pessoa cumpre seus deveres em detrimento de seus direitos, sentindo-se sozinha, com seus direitos negados ou violados, tornando-se prisioneira de sentimentos de impotência e angústias.

> A sua tristeza tem sempre esse remate no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo em que as feições lhe repuxam... E pela segunda vez, nesta manhã, a impressão da solidão, do abandono ... (MACHADO, 1992. p. 36)

Tais angústias, não se diferem das vivenciadas pelos trabalhadores menos favorecidos socialmente, que sofrem em busca de subterfúgios para sanar dívidas, tendo-os como soluções imediatistas.

Afirmemos, então, que a dignidade tem como base a própria natureza humana, no que se diz respeito às manifestações de liberdade e racionalidade, que mostra o ser humano em busca constante da realização de si próprio, assim como seu desenvolvimento.

A dignidade da pessoa humana é a intenção verdadeira da ordem econômica constitucional; seu valor é inerente ao homem, e o homem é digno de seus direitos e deveres, portanto, nunca um dever deverá opor-se aos seus direitos.

Assim como qualquer outro cidadão endividado, sem perspectivas de quitar suas dívidas, Naziazeno sente sua dignidade ferida mostrando-se perdido, sem autonomia para solucionar o seu problema:

> Naziazeno "vê-se" perdido no meio da sala, atônito, sozinho, olhando pra os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram que somem com pés de ratos... (MACHADO, 1992. p.36)

Pensando Naziazeno como um personagem da década de 1930, (época em que se situa o romance "Os Ratos"), podemos, afirmar que o autor descreveu sua época, seguindo um momento em que o mundo havia ultrapassado o período da Primeira Grande Guerra e antecedendo a Segunda, (ambas marcaram o século passado); e só após a Segunda Guerra, foi que líderes mundiais dispostos a não reviver situações desumanas, (paradoxalmente causadas pela ambição humana militarista, que extinguiu consideravelmente nações inteiras), ocuparam-se em desenvolver normas, para evitar novas situações como essas, ratificando a complacência de todos os líderes mundiais.

> "(...) para que os homens não sejam explorados e humilhados por outros, para que nas relações entre as pessoas exista justiça, sem a qual não poderá haver paz." (DALLARI, 1999. p. 72).

Esses princípios visam, entre outros, ao compromisso dos líderes mundiais em respeitar a dignidade humana.

## 3. Conclusão

Em Os Ratos, Dyonélio Machado nos propõe uma narrativa que aponta a uma reflexão sobre o nosso poder de escolha, mesmo nos limites de nossa situação econômica, apresentando-nos dois personagens que tinham, respectivamente, os seguintes dilemas: Pagar ou não pagar, receber ou ficar no prejuízo. O romance, também nos mostra a relação bilateral entre credor e devedor. Todos nós, independentes dos papéis que assumimos em determinada situação, somos respaldados por leis que nos asseguram direitos básicos.

Pensando em direitos fundamentais, em um mundo repleto de problemas socioeconômicos, guiado por um sistema que sufoca esses direitos, assim como os problemas de cunho político, os cidadãos necessitam, cada vez mais, de algo que lhes dê alguma sustentação. Portanto, a confiança de princípios fundamentais que lhes assegurem o acesso e exercício desses direitos, também fundamentais, é de extrema importância, que no caso nos é assegurado por nossa Constituição Federal de 1988 (artigo 1º), que documenta respectivamente em seus incisos I, II e III, direito à soberania, cidadania e à dignidade da pessoa humana, esta última deferida como a mais importante. Naziazeno passa o dia tomado pelo pensamento obsessivo de sanar sua dívida, e em nome dela ele é capaz de perder o dia de trabalho, não almoçar, pedir dinheiro emprestado, tendo o “empréstimo” como sua única “salvação".

Parece-nos relevante observar, que desde os tempos de Cristo, ouve-se a célebre frase: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Cristo, chamado Nazareno, pagou a dívida da humanidade com o Criador (Deus), em relação aos seus pecados e em forma de oração suplicou: “Perdoai as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Faremos aqui uma analogia entre Naziazeno e o Nazareno: O Nazareno entregou sua vida ao martírio, carregando o peso da cruz por longo percurso, Naziazeno repete diversas vezes o mesmo trajeto “do centro à repartição” seu martírio é o processo psicológico de sua mente atormentada pela angustiante necessidade de se pagar uma divida com o seu fornecedor de leite.

Mas, a sensação que o toma ao final do dia é o de missão não cumprida; os sentimentos de angústia e ansiedade que o acompanharam, ainda prevalecem, e o cansaço físico e mental o impede de discernir sonho e realidade, mesmo quando nos apresenta um certo esforço, mostrando-se como um sujeito real, movido por uma prática, que o impede de realizar uma experiência verdadeiramente transformadora, isso, reflete a dificuldade de estabelecer um equilíbrio entre a realidade e o seu mundo onírico. O cansaço o deixa ainda mais perdido em seus pensamentos confusos.

Satisfazer nossas necessidades mais básicas requer trabalho, equilíbrio, planejamento; supri-las de acordo com uma sociedade de consumo que não abre mão de pequenos bens ou consumos relativamente supérfluos, faz com que o cidadão sinta-se obrigado a participar do sistema imposto, tendo como “recompensa” a capacidade de se sentir parte, e assim, incontestavelmente, estará assegurando a ele e a sua família, qualidade de vida, quiçá, dignidade.

## 4. Referências Bibliográficas

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

KANT, Immanuel**. Crítica da razão prática.** São Paulo: Escala, 1991.

MACHADO, Dyonélio. **Os Ratos**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.